

A participação da Faculdade de Educação no processo de alfabetização em Minas Gerais

Santuza Amorim da Silva

Eliana Gomes Silva Machado

Preâmbulo

Para fins de desenvolver as reflexões em torno da presença da Faculdade de Educação (FaE/CBH/UEMG) no processo de formação de professores no âmbito da alfabetização em Minas Gerais, faz-se necessário recuperar alguns aspectos históricos que marcaram o contexto educacional mineiro a partir da república, intimamente imbricados na constituição da FaE/CBH/UEMG.

Nesse sentido, destacam-se as importantes reformas na área da educação, realizadas por João Pinheiro (1906) e Francisco Campos (1927, 1928), que regulavam o ensino primário e o curso normal.

Um dos pilares que sustentaram tais reformas, de acordo com Carvalho (2013, p. 4), foi a orientação para “combater

a ignorância e o analfabetismo: chagas que levavam a uma condição [...] de inferioridade vergonhosíssima em face de outros países. O Estado estava diante de uma magna obra de patriotismo””. Nessa ocasião, havia um interesse muito grande em investir na melhoria das instituições responsáveis pelo ensino, com vistas a elevar o nível educacional do país para incorporá-lo ao grupo de países desenvolvidos.

É nesse contexto que, em 1906¹, o presidente do Estado, João Pinheiro da Silva, cria os grupos escolares e a Escola Normal Modelo² na capital do Estado. Essa iniciativa previa o funcionamento de escolas anexas destinadas ao ensino primário junto às escolas normais modelo e, conforme legislação da época, ainda poderia lhe ser anexado um curso superior. Tal reforma estava orientada pelo pressuposto de que uma boa escola normal, que melhorasse a formação e a competência dos professores, poderia repercutir de modo positivo na melhoria do ensino primário.

Posteriormente, o presidente Antônio Carlos, juntamente com Francisco Campos, Secretário do Interior, dedicaram-se a desenvolver um plano de investimento na educação. Autores que se dedicam a estudar a Reforma

-
- 1 O Decreto nº. 1.960 de 1906 aprova o regulamento da Instituição Primária e Normal do Estado. Consta do mesmo que o Presidente do Estado de Minas Gerais, usando de sua atribuição que lhe confere o art. 57 da Constituição, decreta no Cap. III, art. 15, inciso II (Do Ensino Primário público. Classificação, organização e administração das escolas) que o ensino primário ministrado pelo Estado será dado em grupos escolares.
 - 2 Cabe ressaltar que essa escola funcionou no prédio do Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), mesmo local onde o curso de Pedagogia da FaE/UEMG esteve em funcionamento desde a sua origem até o ano de 2007.

Francisco Campos³ salientam que ela ocorreu em um período marcado por grandes transformações históricas, políticas e sociais, quando novas ideias provenientes do pensamento europeu se disseminavam nos meios culturais e no universo das ciências. Na Reforma Francisco Campos, citada anteriormente, a escola precisava ser transformada, sobretudo do ponto de vista técnico e pedagógico. Para isso, as escolas normais deveriam capacitar os professores com métodos e técnicas mais avançados. Desse modo, em outubro de 1927, a reforma do ensino primário, técnico-profissional e normal em Minas Gerais foi efetivada por ele, por meio do Decreto n°. 7.970A.

Esse decreto já faz menção à Escola de Aperfeiçoamento, destinada a formar uma elite de professores, bem como de técnicos, para a concretização da reforma e a implementação dessa escola, a partir de novos processos e metodologias de ensino que deveriam ser empregados nas escolas do Estado. Para Barros (2009, p. 87), essa proposta somente se concretizou “a partir da Lei n°. 1.036, de 25 de setembro de 1928, que autorizou o governo a instalar a Escola de Aperfeiçoamento (art. 7), conforme o Decreto n°. 8.987, de 22 de fevereiro de 1929, que possibilitou o início de funcionamento da referida escola, nessa data”.

Algumas ações foram desenvolvidas para a implementação desse projeto, sendo uma delas o envio de uma equipe de

3 Ver: HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

cinco professoras⁴ para se especializarem em modernas técnicas de ensino no Teacher's College da Universidade de Columbia (EUA). Na universidade americana, essas professoras aprofundaram os seus estudos em torno de autores como Dewey, Kilpatrick e outros importantes teóricos, com o objetivo de aplicar esses conhecimentos na formação de professores em Minas Gerais. Outra ação tratou-se do convite de Francisco Campos a renomados intelectuais europeus para contribuírem com a implantação de laboratórios de estudos e pesquisa, como o destacado laboratório de Psicologia coordenado pela professora Helena Antipoff e o laboratório de Pedagogia, formado pelas classes anexas.

Barros (2009, p. 99) reporta à pesquisa de Prates (1989)⁵ para destacar que os conteúdos e processos de ensino estavam sob o domínio e a influência de teorias americanas e francesas, como a “pedagogia ativa” (representada por Dewey e Kilpatrick), a “pedagogia pragmatista” e a “pedagogia dos métodos ativos” (de Montessori, Decroly e Washburne). O Curso de Aperfeiçoamento, em nível pós-médio, desponta como centro de estudos e pesquisas destinado a professoras que exerciam o magistério e que, ao término da formação, deveriam repassar às suas escolas as teorias e métodos vistos no curso.

4 Professoras que fizeram formação nos EUA: Alda Lodi, Amélia de Castro Monteiro, Inácia Ferreira Guimarães, Lucia Schmidt Monteiro de Castro (que, após o casamento, altera seu nome para Lúcia Monteiro Casasanta) e Benedita Valadares Ribeiro.

5 PRATES, Maria H. Oliveira. A introdução oficial do movimento da escola no ensino público de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG. Belo Horizonte, 1989.

As professoras que se qualificavam nos EUA retornaram ao Brasil e começaram a atuar nas disciplinas de metodologias no Curso de Aperfeiçoamento. No que tange ao foco temático deste trabalho, merece destaque a presença da professora Lúcia Casasanta. De acordo com Souza (1984)⁶, citada por Barros (2009, p. 88), em seu regresso,

[...] as cadeiras da Metodologia do Ensino foram confiadas à professora Lúcia Schmidt Monteiro de Castro que se encarregou do ensino da Metodologia da Linguagem, que incluía o ensino da Psicologia da Leitura e o estudo dos métodos e processos desse ensino nas escolas, com as alunas examinando os livros de leitura e preparando os seus próprios pré-livros para o aprendizado da leitura pelo método global de contos. Estudava-se, ainda, nesta cadeira a literatura infantil, a metodologia da gramática, da composição e da escrita.

Para as reflexões desenvolvidas neste texto, é importante detalhar um pouco a trajetória dessa professora, visto que ela está particularmente ligada à história da nossa instituição e da alfabetização em Minas Gerais. Em 1922, Lúcia Casasanta ingressou no magistério, curso procurado pela maioria das mulheres que estudavam à época. De acordo com Maciel (2001, p. 61), as experiências iniciadas na “Escola Normal constituíram-se para Lúcia em um rito de passagem entre o papel de aluna e o papel de professora.

6 SOUZA, Ângela Leite de. **Lúcia Casasanta**: uma janela para a vida. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

A esta primeira experiência seguiram-se outras, todas bem-sucedidas”. Após exercer o magistério como professora contratada, finalmente é nomeada e, ao se estabilizar na carreira, sente mais conforto e segurança em sua prática docente, como é perceptível no seu depoimento, resgatado da pesquisa de Maciel (2001, p. 65):

Lembro-me de que, no mês de maio, várias de minhas crianças se destacaram quase lendo. Pedi a Dona Helena algumas outras cartilhas e livros bem fáceis para entretê-los enquanto atendia às outras. Dona Helena achou cedo para essa medida. Mas acontece que, de minha sala, vi passar D. Corsina, a servente, com um balaio cheio de exemplares da cartilha de Arnaldo Barreto, que iam ser incinerados num canto do pátio. Levei para casa tantos quantos consegui. Arranquei as páginas aproveitáveis, recompos as páginas desbeijadas ou rasgadas com tiras de papel bem coladas e formei assim uma pequena biblioteca de dez a doze histórias: a História de Paulo e Pery, a História de Lúcia e seu Gatinho, a História de Zé Fugido, a História de Xandoca, Yoga, dentre outras. Tomada a lição do grupo mais adiantado, enquanto as demais tentavam ler uma lição no quadro, distribuía-lhes livrinhos que liam com avidez. Entretidas, tornava-se mais fácil buscar a lição das outras; já tinha a preocupação em não deixar crianças ociosas enquanto aguardavam a sua vez de ler. Nas férias de junho tive a primeira grande alegria de verificar que quase toda a classe sabia ler. Só quem já ensinou a crianças analfabetas pode compreender tal alegria.

Cabe ressaltar que a Escola de Aperfeiçoamento foi considerada vanguarda de uma época e, conforme postula Matos (2009, p. 54),

[...] acreditou na “educação-ciência” e de certa forma assumiu a proposta oficial do aperfeiçoamento da sociedade pela escola. A mensagem que veiculou produziu impactos na estrutura do ensino; assim procedimentos e recursos didáticos, hoje considerados rotineiros no magistério tiveram início com base nos conhecimentos e práticas propostos e vivenciados pela Escola de Aperfeiçoamento.

No que concerne às práticas de aprendizagem da língua, cabe destacar o protagonismo dessa escola na introdução e divulgação de novos métodos de alfabetização para o antigo ensino primário, tanto por suas atividades de pesquisa como pela produção do material didático e pedagógico, considerado de ponta, à época. Muitas educadoras destacaram-se nacionalmente no trabalho com a alfabetização pelo Método Global de Contos. Nessa ocasião, utilizava-se o pré-livro, no qual cada lição correspondia a um conto completo, ainda que os demais contos tivessem os mesmos personagens. Como exemplo, podemos citar *O Livro de Lili*, da mineira Anita Fonseca (1942), e o pré-livro *Os três Porquinhos*, de Lúcia Casasanta (1979).

Mais tarde, pelo Decreto-Lei nº. 1.666, de 28 de janeiro de 1946, a Escola de Aperfeiçoamento foi transformada em Curso de Administração Escolar (CAE), que se orientava

pelos mesmos princípios da Escola Nova⁷. Esse curso ocorria em dois anos e era destinado a quem havia concluído o Curso Normal. Ele habilitava professores para ministrar disciplinas no Curso Normal e exercer as funções de diretor, orientador e inspetor escolar na rede de ensino. Numa investigação realizada sobre o CAE, há indicação de que esse curso

[...] manteve algumas características da Escola de Aperfeiçoamento, incorporando, inclusive todo seu pessoal, porém, assumiu uma maior amplitude no seu papel de formação de pessoal técnico para o sistema de educação do Estado: seus egressos passaram a compor as equipes técnicas da Secretaria Estadual de Educação e das Superintendências Regionais, então denominadas Delegacias Regionais de Ensino - DREs (CARVALHO, 2012, p. 51).

Alguns docentes que lecionavam no Curso de Administração Escolar tiveram a oportunidade de receber bolsas de estudos para cursar especializações em universidades estadunidenses, por intermédio do Programa Americano Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAEE). Esse programa visava aprimorar a formação dos docentes

7 O ideário da Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que surgiu em fins do séc. XIX. Foi proposto por educadores norte-americanos e europeus, com destaque para a participação de John Dewey. Os fundadores desse movimento preconizavam uma escola diferente da tradicional, qual seja, uma escola ancorada em novos métodos de ensino e que o aluno ocupasse o centro do processo de construção do conhecimento. Na década de 1920, Rui Barbosa se destaca como um dos pioneiros desse movimento no Brasil.

e diminuir a repetência e a evasão escolar no sistema de ensino estadual.

De acordo com Matos (2009), os professores desse curso foram de suma importância para o cenário educacional mineiro, pela proposição de metodologias de ensino, elaboração de material didático, ocupação de cargos públicos e, também, pelo exercício da docência. Nesse panorama educacional, alguns nomes se destacam, como Alda Lodi, Raimundo Nonato Fernandes, Lenita de Oliveira, Íris Barbosa Goulart e Lúcia Monteiro Casasanta.

Mais uma vez, cabe destacar a presença da professora Lúcia Monteiro Casasanta, que atuou no curso com a disciplina Metodologia do Ensino e da Escrita, preconizando na eficácia do método global de contos para a alfabetização. A professora, além de produzir material com esse objetivo, estimulava e orientava suas alunas na produção de pré-livros. Essa prática pode ser observada na produção de algumas docentes que, mais tarde, lecionaram no curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG.

Enfim, em 1969, o curso de Administração Escolar se transforma em curso de Pedagogia, logo incorporado ao Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG) e, mais tarde, em 1989, à Universidade do Estado de Minas Gerais.

A Escola de Aperfeiçoamento, o curso de Administração Escolar e o curso de Pedagogia do IEMG ilustram o quanto o Estado de Minas Gerais é exemplo de vanguarda no campo da alfabetização. Pode-se dizer, também, que o

atual curso de Pedagogia foi, de certo modo, herdeiro desse movimento realizado pelas reformas em torno da melhoria dos níveis de escolarização da sociedade e da formação de professores no Estado, sobretudo no campo da alfabetização. Até pouco tempo atrás, célebres⁸ docentes que lecionaram nesta faculdade passaram pelo CAE, tendo como professora a ilustre Lúcia Casasanta. Eles e elas trouxeram não apenas os materiais lá produzidos, mas também as suas vivências e experiências, fazendo com que esse curso, ainda hoje, continue sendo uma referência na formação de professores, inclusive, para a prática dos novos docentes que compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem da Faculdade de Educação, campus Belo Horizonte, da UEMG.

8 Professoras que atuaram como docentes no Curso de Pedagogia da FaE/UEMG e foram alunas da professora Lúcia Casasanta: Elisa Barbosa, Estela Maris, Maria Tereza Barbosa, Maria de Freitas Chagas, Lenita de Oliveira, Maria Odília Simoni, Maria Helena Araújo, Ely Fonseca Dutra, Helena Lopes, entre outras. Destaca-se que, embora algumas não lecionassem disciplinas com o foco no ensino da Língua Portuguesa, a professora Maria de Freitas, que tem nos ajudado a reconstituir as informações sobre esse período, nos declarou que a formação recebida no CAE ocorria numa perspectiva interdisciplinar. Relata que docentes como a professora Estela Maris, que sempre trabalhou com o ensino da Matemática no curso de Pedagogia, durante o seu percurso como aluna no CAE, atuou como demonstradora dos métodos de alfabetização nas aulas ministradas pela professora Lúcia Casasanta. Inferimos que tal experiência possivelmente contribuiu sobremaneira para a prática dessa reconhecida professora, tendo em vista as aproximações entre a alfabetização e a Matemática.

Métodos e cartilhas: algumas considerações sobre a produção de material para o ensino de Alfabetização em Minas Gerais

Alguns episódios são relevantes para compreender a notabilidade que o método global teve no contexto da história da alfabetização em Minas Gerais. Um deles ocorreu em 1924, após o evento de movimentos culturais e sociais em 1922, como a Semana de Arte Moderna e a criação do Partido Comunista, que consistiu na formação da

Associação Brasileira de Educação (ABE), por um grupo de educadores inspirados em ideias pedagógicas escolanovistas que circulavam nos Estados Unidos e na Europa. É nesse contexto sócio-histórico que as reformas educacionais vão sendo conduzidas (FRADE; MACIEL, 2006, p. 96).

Como mencionado anteriormente, em 1927/28 é feita a Reforma Francisco Campos, que propõe mudanças no ensino primário e curso normal aferidos em Minas Gerais. Essa proposta, feita por Francisco Campos, é um “marco na história da alfabetização em Minas Gerais; a partir dela, é decretado o uso do método global para a alfabetização de crianças neste estado” (FRADE; MACIEL, 2006, p. 97).

O governo de Minas Gerais investe na formação de professores e cria a Escola de Aperfeiçoamento, em Belo Horizonte. Para Frade e Maciel (2006, p. 97) “a escola de aperfeiçoamento tinha como principal objetivo formar

o professorado nas novas metodologias, e, no que diz respeito ao aprendizado inicial da leitura e da escrita, a oposição estava definida: o uso do método analítico⁹”.

Como a metodologia anterior adotada pelo professorado nas escolas mineiras, até 1927, envolvia os métodos da marcha sintética representados pelas cartilhas, os profissionais alfabetizadores manifestavam-se inseguros diante desta nova proposta metodológica.

Para os professores, um dos maiores entraves era a falta de suporte pedagógico, especialmente no caso da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, pois não dispunham de material didático adequado aos pressupostos do método global (FRADE; MACIEL, 2006, p. 98).

Para resolver esse problema, Lúcia Casasanta, professora da Escola de Aperfeiçoamento que lecionava a disciplina Metodologia da Língua Pátria, promoveu um curso em que alunas deveriam produzir material didático de acordo com as orientações metodológicas do método global, chamado de pré-livro, que seria utilizado na fase inicial da alfabetização das crianças de Minas Gerais.

9 O ensino da leitura e da escrita pode ocorrer de duas maneiras: os métodos sintéticos que partem da menor unidade de som que é o fonema, seguindo para a sílaba, para a palavra, culminando na leitura de um texto. O método analítico parte do texto para a menor unidade de som que é o fonema.

As orientações dadas por Lúcia Casasanta para a escrita dos livros eram: as histórias do pré-livro deveriam vir em letra de imprensa grande; cada lição deveria ser uma unidade de pensamento que aguçasse a criança a se interessar pelo que viesse depois; deveria haver repetições para fixação das palavras, porém bem feitas para não gerar monotonia; o texto deveria apresentar uma sequência lógica em cinco sentenças; as frases deveriam ser curtas, com pontuações variadas, usando letras maiúsculas; as ilustrações deveriam permitir à criança recontar as lições a partir das imagens; e o material impresso não deveria ser colorido para que o aluno o colorisse a partir do trabalho desenvolvido com os cartazes que a professora apresentava em sala de aula.

Outra característica dos pré-livros é que, diferentemente do uso exclusivo das cartilhas, era um material didático básico para iniciar o aluno na aprendizagem da leitura, desenvolvido e acrescido com o uso de jogos, leituras complementares e intermediárias. Os pré-livros não apresentam sílabas graduadas e sim as lições ou historietas com sentido completo, cujas temáticas infantis eram enriquecidas com ilustrações (FRADE; MACIEL, 2006, p. 100).

Nos moldes exigidos acima, Anita Fonseca cria *O Livro de Lili* (FIGURA 1), que foi adotado em Minas Gerais nas décadas de 1940 a 1990.

Figura 1: *O Livro de Lili*



Fonte: Blogspot de Maria Dilma Ponte de Melo¹⁰

Depois de *O livro da Lili*, outros pré-livros foram usados e uma das protagonistas desse trabalho de alfabetização foi professora no IEMG e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Elisa de Oliveira Barbosa Campos, especializada em Didática, que, em 1972, tem publicada a quinta edição da série *Estórias e Mais Estórias* (FIGURA 2), edição em convênio com o Instituto Nacional do Livro e o Ministério da Educação e Cultura que continha sete volumes: I – Pré-livro; II – Leituras intermediárias; III – Primeiro livro; IV – Caderno de exercícios do aluno; V – Manual do professor (pré-livro); VI – Manual do professor (leituras

¹⁰ Disponível em: <<http://mariadilmapontedebrito.blogspot.com/2010/06/o-livro-de-lili.html>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

intermediárias e primeiro livro); e VII – Jogos de cartazes coloridos e de sílabas.

Figura 2: Livro *Estórias e mais Estórias* – Primeiro livro



Fonte: Acervo Biblioteca da FaE/UEMG – Registro das autoras.

O pré-livro apresenta dez textos, que são ampliados em cartazes coloridos que o professor usa em sala. Ao final, há as frases de todos os textos, as porções de sentido dessas frases, as palavras e as sílabas em letra de imprensa que devem ser recortadas e coladas em cartolinas e guardadas em envelopes individuais para que cada criança pudesse desmontar e remontar os textos dos cartazes.

Elisa Barbosa Campos publicou, em 1991, outro pré-livro, *Luninho, meu amigo da lua* (FIGURA 3), pela editora Vigília. O processo adotado por Elisa Barbosa na utilização deste pré-livro

apoia-se em estruturas significativas retratando a linguagem simples de crianças de seis e sete anos. Isso permitirá a criança o aprender a ler, concomitantemente com o aprender a escrever, a ortografar, como também oportunizará o desenvolvimento de habilidades básicas da comunicação oral e escrita (CAMPOS, 1993, p.11).

O texto nessa edição traz imagens coloridas e conta a história de um menino, Bento, que, assentado à sombra de uma árvore, faz uma viagem à lua. Lá, conhece um extraterrestre e, ao final, descobre que essa aventura foi um sonho.

Figura 3: Livro *Luninho, meu amigo da Lua*



Fonte: Professora Eliana Machado – Acervo pessoal.

Nos mesmos moldes tem-se o pré-livro do *Cachorrinho Fujão* (FIGURA 4).

Figura 4: Livro *O Cachorrinho Fugão*



Fonte: Blogspot Mistura de Alegria¹¹

O manual do professor dessa obra traz, da página 11 à 18, explicações e fundamentos teóricos do processo adotado na utilização do pré-livro, da leitura como unidade de sentido e do método analítico de alfabetização, apresentando cada etapa de sua aplicação de forma bem detalhada; e o interessante é que esses fundamentos são colocados como se fossem ditos por crianças – uma verdadeira formação e aula para os professores alfabetizadores.

Para desenvolver com eficiência o processo de aprendizagem da leitura da criança, Campos (1993) expõe as fases do método analítico assim:

¹¹ Disponível em: <<https://misturadealegria.blogspot.com/2009/10/pre-livro-o-cachorrinho-fujao.html>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

Tia, ele (o método analítico) apresenta quatro (4) etapas e, o que é “fenomenal”, durante essas quatro etapas a gente vai aprendendo, não só a adquirir os **hábitos, atitudes e habilidades específicas da leitura, como também aprendendo as bases da ortografia, aprendendo a nos comunicar oralmente e por escrito, a pensar, a criticar, a analisar, raciocinar, a criar**. Que legal! E com um único material – o pré-livro (CAMPOS, 1993, p. 15, grifos da autora).

Elisa Barbosa Campos (1993) afirma que o ensino da leitura na primeira série subdivide-se em três etapas: etapa do pré-livro, que envolve o aprender a ler; etapa da leitura intermediária, que favorece ao aluno a segurança necessária à leitura independente; e etapa do primeiro livro, que deveria dar oportunidade ao aluno de desenvolver-se nas habilidades básicas de leitura e compreensão.

Logo após essas etapas, Campos (1993) pontua que

poderíamos, pois denominar o processo que ora adotamos de “aprendizagem simultânea da leitura e da expressão escrita”, quando então, a criança estará, não apenas dirigida para dominar a mecânica da leitura, mas também, e principalmente, para dar sentido as mensagens que lê; para treinar as habilidades da comunicação oral e da escrita; e mais, desde o início do processo, para o aguçamento de outras habilidades intelectuais, quais sejam: extrapolação, análise, síntese, avaliação, julgamento e criatividade (CAMPOS, 1993, p. 11).

O curso de Pedagogia do IEMG também teve, em seu quadro de professoras, outras autoras que protagonizaram a alfabetização em Minas Gerais. Entre elas estão Therezinha Casasanta e Maristela Gondim.

Therezinha Casasanta, filha da professora Lúcia Casasanta, era pedagoga, com curso de especialização em Educação e Literatura Infantil nos Estados Unidos. Foi técnica em assuntos educacionais no Centro de Recursos Humanos João Pinheiro DEF/MEC, administradora de escola estadual de primeiro grau, tinha experiência em Magistério, com pré-escolar, 1º e 2º graus¹² e autora de livros didáticos, de literatura infantil e de artigos em revistas especializadas em educação.

Maristela Miranda Ribeiro Gondim fez Pedagogia, no IEMG, e pós-graduação *Lato sensu*, no Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior (PREPES), na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Lecionou para pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus¹³, foi supervisora de ensino em Escola Estadual de 1º grau, professora da disciplina de Metodologia de Ensino de Primeiro Grau: Comunicação e Expressão, no curso de Pedagogia do IEMG, e foi autora de livros didáticos para o

12 Em 1971, o ensino primário foi incorporado aos quatro anos do ginasial e deu origem ao ensino de 1º grau (1ª a 8ª série), atendendo alunos de 7 a 14 anos de idade. O segundo grau corresponde ao atual ensino médio, a última etapa da educação básica.

13 O terceiro grau correspondia ao curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG).

ensino de 1º grau e de artigos em revistas especializadas em educação.

Maristella Gondim e Therezinha Casasanta publicaram, em 1984, a série *Era Uma Vez...* (FIGURA 5), composta por quatro livros-texto de leitura básica correspondentes às quatro primeiras séries do 1º grau.

Figura 5: Coleção *Era uma vez...*



Fonte: Acervo Biblioteca da FaE/UEMG – Registro das autoras.

Segundo Gondim e Casasanta (1984, p. 6), no livro 1, a criança “vai encontrar histórias alegres e divertidas sobre crianças e animais”. Para os alunos da 1ª série, o livro 1 é descartável após o uso e tem 110 páginas onde constam vários gêneros textuais – poesias, histórias narrativas, convite e bilhete, sendo que “os textos deste livro, a exceção dos poemas, foram todos criados ou recriados pelas autoras” (CASASANTA; GONDIM, 1984, p. 113).

As autoras supracitadas escrevem uma orientação para o trabalho com os textos onde afirmam que

Estabelecemos um roteiro de trabalho para os textos que compõem as unidades. Esse roteiro prevê etapas essenciais e indispensáveis ao desenvolvimento do processo de leitura na fase inicial: atividades de incentivo; para resolução de dificuldades, de leitura, de expressão escrita (escrita, ortografia e redação), relacionadas ao texto de enriquecimento (CASASANTA; GONDIM, 1984, p. 15).

Analisando o conteúdo desse livro, observa-se que, após apresentação dos textos, são propostas atividades relacionadas ao texto que consistem em perguntas de interpretação; exercícios que envolvem escrita de plural de frases que vêm sempre com um modelo; divisão de palavras em sílabas; formação de palavras; escrita de frases e pequenos textos, bem como identificação e uso correto dos sinais de pontuação. O livro 1 é chamado de livro do aluno.

Ao final dos quatro livros da série *Era uma vez...* são escritas orientações metodológicas para o professor que se referem ao trabalho com os textos, onde constam os objetivos gerais e específicos relacionados à linguagem oral, leitura, expressão escrita e explicitação gramatical, acompanhados do plano de trabalho a ser desenvolvido com cada texto. Vale ressaltar que as autoras dizem aos professores que

Este livro inclui ainda o livro texto com a chave de correção dos exercícios. Você poderá observar que algumas questões podem ser respondidas de diferentes maneiras e dependendo do ponto de vista

do aluno. Essas questões são de grande importância à medida que contribuem para o desenvolvimento de um leitor crítico reflexivo e criativo (CASASANTA; GONDIM, 1984, livro um, p. XI).

No exemplar do livro 1, Casasanta e Gondim escrevem uma carta ao professor e nela fica claro que os exercícios desse volume 1 são apropriados para crianças que já aprenderam a ler e se dirigem aos professores assim:

Você sabe que a vida moderna requer do indivíduo cada vez mais habilidade de leitura, audição, linguagem oral e escrita. É necessário saber ouvir e entender palavras, interpretar e expressar ideias e sentimentos. Comunicar. É para isso que estamos aqui. Para ajudá-lo [Professor] na sua grande tarefa, colocamos em suas mãos *Era Uma Vez...* livro 1 (CASASANTA; GONDIM, 1984, p. VII).

As autoras pontuam que a orientação dada para o trabalho com os textos envolve um roteiro que prevê etapas essenciais e indispensáveis ao desenvolvimento do processo de leitura na fase inicial: atividades de incentivo, resolução de dificuldades, leitura e expressão escrita que envolve a escrita, ortografia e redação, bem como atividades relacionadas ao texto e de enriquecimento.

Dessa forma, verificamos que o IEMG tem, em seu quadro de professores, pessoas que foram muito importantes para alavancar o processo de alfabetização em Minas Gerais.

Zélia Almeida, outra protagonista da alfabetização em Minas Gerais, também lecionou no IEMG. Esta autora publica, em 1983, o livro *Atividades de linguagem*, para alunos da 1ª série do 1º grau. Ao final desta obra constam as “Anotações para o professor”, que apontam a postura da autora frente ao ensino da redação e leitura, com atividades interpretativas e gramaticais, bem como sugestões de estratégias para a criança ler e escrever bem.

Zélia Almeida publica, em 1987, pela editora FTD, de São Paulo, três volumes do livro “Ponto de Partida” em comunicação e expressão, “para expansão das habilidades de leitura e escrita, entendendo-se estas como tradução (leitura) de textos de outrem e produção escrita de textos próprios” (ALMEIDA, 1987, p. 111).

O volume 1, elaborado para alunos que estavam no pré-escolar ou na 1ª série, tem o objetivo de atender, portanto, a um público que estava no final da alfabetização, e traz textos e atividades que visavam

a passagem da rudimentar habilidade de tradução de textos, nos quais a tônica de organização é o agrupamento de palavras por padrões silábicos afins, para a habilidade de tradução e interpretação de textos em que o critério de organização é o semântico (ALMEIDA, 1987, p. 111).

Neste volume, a estrutura das frases é simplificada para que as crianças consigam ler os textos, ou seja, traduzi-los,

mas também permite que construam significados para eles, que é o objetivo da etapa pós-alfabetização.

Os volumes 2, 3 e 4 destinavam-se, respectivamente, a alunos da 2^a, 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental e apresentam a versão consumível para a 1^a série e não consumível para as outras séries. O professor recebia um exemplar com as respostas de todos os exercícios escritos no seu livro e, no final, vinham oito páginas com anotações para ele ler e desenvolver um trabalho em sala coerente com a proposta da autora.

À guisa de conclusão

Este breve resgate sobre os aspectos históricos relacionados ao processo de formação de professores no âmbito da alfabetização em Minas Gerais indicou que a constituição do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/FaE/CBH/UEMG sempre esteve intimamente entrelaçada a este percurso histórico, a partir da Escola de Aperfeiçoamento. Destacou-se a importância de muitas educadoras, que lecionaram nessa faculdade e ali deixaram a sua marca. Além disso, revelou o papel que tais educadoras tiveram para o avanço e proposição de novas metodologias de ensino da Língua, bem como na elaboração de ricos materiais didáticos que, por muitos anos, foram referência para o trabalho em sala de aula, tanto em Minas Gerais, como no país. Enfim, tudo isso atesta a tradição sobre a qual, ainda hoje, serve de sustentação para as práticas pedagógicas

de formação engendradas na formação do pedagogo no interior desse curso de pedagogia.

Referências

BARROS, Vanda Terezinha Medeiros de. **A renovação educacional sob as bênçãos católicas: um estudo sobre a aliança Estado/Igreja em Minas Gerais (anos 1920-1930)**, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHO, Sebastiana Santos Carvalho. **O curso de administração escolar do Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais: o olhar de ex-alunos e ex-professores**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

CARVALHO, Carlos Henrique de. Modernizar e civilizar: reformas educacionais em Minas Gerais, no final do século XX e princípio do XX (1982-1928). *In: XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social*. Rio Grande do Norte, julho de 2013.

FRADE, Isabel C.; MACIEL, Francisca P. (org). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

MATOS, Maria do Carmo. **Formação docente e integração curricular: proposta do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UEMG**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

Material didático e pré-livros:

ALMEIDA, Zélia. **Atividades de linguagem: 1ª série.** São Paulo: FTD, 1983.

ALMEIDA, Zélia. **Ponto de Partida em comunicação e expressão:** livro 2. São Paulo: FTD, 1987a.

ALMEIDA, Zélia. **Ponto de Partida em comunicação e expressão:** livro 3. São Paulo: FTD, 1987b.

ALMEIDA, Zélia. **Ponto de Partida em comunicação e expressão:** livro 4. São Paulo: FTD, 1987c.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Era uma vez... Um cachorrinho fujão.** Pré-livro. Série Estórias e mais estórias. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1972a.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Leituras Intermediárias.** Série Estórias e mais estórias. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1972b.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Estórias e s estórias.** Primeiro livro. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1972c.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Era uma vez... Um cachorrinho fujão.** Pré-livro. Meu Caderno de Exercícios. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1972d.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Era uma vez... Um cachorrinho fujão.** Pré-livro. Manual do Professor. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1972e.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Zum... Zum...** Série Comunicação Integrada. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1982.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Circo Pirulito.** 1ª série. Leituras Intermediárias, Série Comunicação Integrada. Belo Horizonte: Editora Virgula, 1986.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Luninho, meu amigo da lua.** 9. ed. Pré-livro. Belo Horizonte: Editora Virgula, 1991.

CAMPOS, Elisa de Oliveira Barbosa. **Luninho, meu amigo da lua.** 4. ed. Manual do Professor. Belo Horizonte: Editora Virgula, 1993.

CASASANTA, Therezinha; GONDIM, Maristella. **Era uma vez...:** leitura básica: comunicação e expressão, livro do aluno 1. São Paulo: FTD, 1984.

CASASANTA, Therezinha; GONDIM, Maristella. **Era uma vez...:** leitura básica: comunicação e expressão, livro do aluno 2. São Paulo: FTD, 1985a.

CASASANTA, Therezinha; GONDIM, Maristella. **Era uma vez...:** leitura básica: comunicação e expressão, livro do aluno 3. São Paulo: FTD, 1985b.

CASASANTA, Therezinha; GONDIM, Maristella. **Era uma vez...:** leitura básica: comunicação e expressão, livro do aluno 4. São Paulo: FTD, 1985c.

FRADE, Isabel C. A. da Silva; MACIEL, Francisca I. Pereira (Org.). **História da Alfabetização:** produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT-Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.